

ORNAMENTO E RACISMO: PRECONCEITOS ANTROPOLÓGICOS EM ADOLF LOOS ORNAMENT AND RACISM: ANTHROPOLOGICAL PREJUDICES IN ADOLF LOOS

Jorge Francisco Liernur

Tradução espanhol-português: Rogério de Castro Oliveira



1 Muller House, exterior. Fonte: Arquivo Propar.
1 Muller House, exterior. Source: Arquivo Propar.

A modernidade implica por definição um impulso de hibridização universal e de desaparecimento de limites locais. A expansão capitalista na forma de imperialismo e colonialismo é um fator crucial para explicar a arte moderna, mas esse fator tem sido negligenciado nas narrativas canônicas da história da arquitetura moderna. Este artigo é parte da minha pesquisa geral, voltada para reconsiderar esta história como imersa nos processos de fertilização cruzada, assumindo com Goethe que “Ninguém pode caminhar entre palmeiras impunemente”.¹ Meu propósito é dar um pequeno exemplo dessa abordagem mostrando que mesmo um dos mais fundamentais corpos teóricos da arquitetura moderna, o de Adolf Loos, não era “impune” no contato com culturas fora dos centros metropolitanos ocidentais.

Descrevendo as condições intelectuais complexas na Viena do fim do século 19, Musil escreve em “O homem sem qualidades”: “Naqueles dias, ninguém sabia para quê isso se movia. Nem podia ninguém distinguir entre o que estava acima e o que estava abaixo, entre o que se estava movendo para frente e o que para trás”.² Este estado mental contraditório se aplica perfeitamente à construção teórica de Adolf Loos, localizada simultaneamente “para frente e para trás, acima e abaixo”.

Seu argumento pode ser resumido como segue. A ornamentação é uma prática de povos selvagens, criminosos e outros animais degenerados. Ao contrário, as sociedades mais evoluídas rejeitam o uso da ornamentação na produção de suas roupas e equipamentos.

Para serem igualmente avançados, os arquitetos modernos devem aplicar o mesmo princípio à construção de casas contemporâneas. Implícito neste argumento estão idéias de igualdade entre evolução biológica e social, criminalidade congênita, superioridade de algumas sociedades humanas em relação a outras, o valor universal do progresso e o perigo de “degeneração” social.

De onde vieram essas idéias? Adolf Loos era parte da nova geração de jovens liberais que lançaram em 1893 o Movimento Político-social, seguindo o modelo do Fabianismo inglês.

O grupo se reunia à volta de Eugen von Philippovich, Michael Hainisch, e Otto Wittelshöfer, que, de acordo com Boyer, foram “logo acompanhados por um largo círculo de acadêmicos universitários, advogados e funcionários estatais, muitos dos quais escreviam (...) para o novo semanário social liberal “Die Zeit”.³ Esse era precisamente o caso de Loos.⁴ Adicionalmente ele co-presidiu a Investigação sobre o apoio estatal das artes, um estudo que o partido promoveu junto com outras investigações como aquelas sobre a lei do divórcio organizada por Wilhelm Stekel e Sigmund

Modernity implies by definition an impulse towards universal hybridization and disappearance of local boundaries. Capitalist expansion in the form of Imperialism and Colonialism is a crucial factor to explain modern art, but this factor has been neglected by canonical narrations of modern architecture history. This paper is part of my general research, addressed to reconsider this history as immersed in the processes of cross-fertilization, assuming with Goethe that “Nobody can walk among palm-trees with impunity”.¹ My purpose is to give a small example of this approach by showing that even one of the most fundamental theoretical corpus of modern architecture, like that of Adolf Loos, was not “impune” to the contact with cultures outside the Western metropolitan centers.

Describing the complex intellectual conditions in fin-de-siècle Vienna Musil writes in “The man without qualities”: “In those days, no one knew what it was moving towards. Nor could anyone quite distinguish between what was above and what was below, between what was moving forward and what backward”.² This contradictory state of mind applies perfectly to Adolf Loos’s theoretical construction, located simultaneously “forward and backward, above and below”.

His statement can be summarized as follows. Ornamentation is a practice of savage peoples, criminals and other degenerate individuals. On the contrary, the most evolved societies reject the use of ornamentation in the production of their clothes and equipments. In order to be equally advanced, modern architects should apply the same principle to the building of contemporary houses. Implicit in this argument are ideas like those of equality between biological and social evolution, congenital criminality, superiority of some human societies with regard to others, the universal value of progress, and the danger of social “degeneration”.

Where did these ideas come from? Adolf Loos was part of the new generation of young Liberals who launched in 1893 the Social Political movement, following the model of British Fabianism. The group gathered around Eugen von Philippovich, Michael Hainisch, and Otto Wittelshöfer, who according to Boyer, were “soon joined by a wide circle of university academics, lawyers, and state officials, many of whom (...) wrote for the new social Liberal weekly “Die Zeit”.³ This was precisely the case of Loos.⁴ In addition he co-chaired the Enquete on the state support of the arts, a study that the party promoted together with other investigations like that on divorce law organized by Wilhelm Stekel and Sigmund Freud. Social Darwinism was at the core of Austrian Fabians’ ideology like had happened with English Fabians and the German speaking Liberals.⁵

Freud. O darwinismo social estava no âmago da ideologia dos Fabianos⁵ austríacos como havia acontecido com os Fabianos ingleses e os liberais de fala alemã.⁶

Para entender a ambivalência da interpretação de Loos, precisamos recordar que ser um darwinista social na Viena de fim do século 19 não significava ser um conservador.⁷ Como demonstrado por Richard Weikart, o darwinismo se dirigia ao mesmo tempo para posições reacionárias e progressistas. “Inicialmente, – ele escreve – a teoria de Darwin recebeu apoio primariamente daqueles de convicções políticas liberais ou socialistas”.⁸ Mc Briar mostrou que, mesmo partindo de intenções sociais progressistas, “os socialistas Fabianos eram não só de orientação elitista e nacionalista, como fortemente influenciados por idéias eugenísticas e racistas”.⁹ George Bernard Shaw,¹⁰ por exemplo, apoiava o imperialismo por sua capacidade de expandir “a suprema importância dos deveres da comunidade, com organização do Estado, governo eficiente, serviço civil industrial, regulamentação de toda iniciativa privada no interesse comum e dissolução de fronteiras através de organização industrial internacional”.¹¹

Claro que a influência do darwinismo na Áustria não se limitava aos socialista Fabianos liberais. As novas idéias tinham forte presença no meio acadêmico de Viena, onde a Sociedade Antropológica tinha sido fundada em 1870.¹² Uma das grandes questões políticas da antropologia austríaca era a justificativa da “germanidade” do estado austríaco multi-racial.¹³ A busca da “verdadeira” origem dos austríacos foi inicialmente estudada por Carl von Czörnig,¹⁴ e após por numerosas pesquisas acadêmicas como as de Franz Tappeiner.¹⁵ Revistas populares como *Der Heimgarten* difundiram esses temas para a opinião pública. Desde 1873 médicos eminentes darwinistas como Carl Claus ou o patologista Salomon Stricker defenderam teorias evolucionistas na Universidade de Viena. Ambos cientistas foram professores de Sigmund Freud, para quem “todo cérebro humano passa no curso de seu desenvolvimento pelos mesmos estágios que os que ocorrem nos animais vertebrados inferiores”.¹⁶ Originalmente formulado por Ernst Haeckel, esse conceito também foi empregado por Loos em “Ornamento e Crime”.¹⁷ É verdade que o evolucionismo encontrou fortes resistências nos setores conservadores na Viena fim de século. Liderada pelos padres Wilhelm Schmidt e Wilhelm Koppers, a Escola de Antropologia de Viena construiu sua própria marca de difusionismo e feroz anti-evolucionismo. Mas características corporais, tatuagens, canibalismo e outros tópicos de culturas “primitivas”, impregnados de preconceitos social-darwinistas, receberam ampla difusão e despertaram a curiosidade de todos os setores sociais.

In order to understand the ambivalence of Loos’s interpretation, we need to remember that to be a Social Darwinist in fin-de-siècle Vienna did not mean to be a conservative.⁷ As was demonstrated by Richard Weikart, Darwinism drove at the same time towards reactionary and progressive positions. “Initially, -he writes - Darwin’s theory received support primarily from those of liberal or socialist political persuasions”.⁸ Mc Briar has stated that even though departing from progressive social intentions “the Fabian socialists were not only elitist and nationalist in outlook, but strongly influenced by eugenicist and racist ideas”.⁹ George Bernard Shaw,¹⁰ for instance, supported imperialism because of its capacity to expand “the supreme importance of the Duties of the Community, with State Organization, Efficient Government, Industrial Civil Service, Regulation of all private enterprise in the common interest, and dissolution of Frontiers through international industrial organization”.¹¹

Of course the influence of Darwinism in Austria was not limited to the Fabian social liberals. The new ideas had a strong presence in the academic milieu of Vienna, where the Anthropological Society had been founded in 1870.¹² One of the major political issues of Austrian anthropology was the justification of the “germaneness” of the Austrian multi-racial state.¹³ The search for the “true” origin of Austrians was initially studied by Carl von Czörnig,¹⁴ and later by numerous academic investigations like that of Franz Tappeiner.¹⁵ Popular magazines like *Der Heimgarten* spread these matters into the public opinion. Since 1873 evolutionist theories were sustained at the University of Vienna by eminent Darwinist physicians like Carl Claus, or the pathologist Salomon Stricker. Both scientists were professors of Sigmund Freud, for whom “every human brain passes in the course of its development through the same stages as those occurring in the lower vertebrate animals”.¹⁶ Originally formulated by Ernst Haeckel this concept was also employed by Loos in “Ornament and Crime”.¹⁷ It is true that evolutionism encountered strong resistances in conservative sectors of fin-de siècle Vienna. Led by Fathers Wilhelm Schmidt and Wilhelm Koppers, the Vienna School of Anthropology built its own brand of diffusionism and fierce anti-evolutionism. But body features, tattooing, cannibalism and other topics of “primitive” cultures, impregnated by social-Darwinist prejudices received an ample diffusion and awoke the curiosity of all social sectors. According to John Phillip Short’s accurate study of popular readings in Germany at the turn of the Century, “colonial exploration and the ‘scramble for Africa’ generated a stream of travelogues, war stories and ethnographic exotica that became the stuff of ‘working-class’ reader’s encounter with the world beyond Europe”.¹⁸ Thanks to Short’s investigation we

De acordo com o estudo acurado de leituras populares na Alemanha na volta do século feito por John Phillip Short, “a exploração colonial e a ‘luta pela África’ geraram uma sucessão de impressões de viagem, histórias de guerra e bizarria etnográfica que se tornaram a substância do encontro do leitor operário com o mundo além da Europa”.¹⁸ Graças à pesquisa de Short sabemos que “no curso de 1907 e 1908, 1.372 operários retiraram [de bibliotecas públicas](...) 2.376 (livros que) pertenciam à categoria do fantástico etnográfico”.¹⁹

Como a maioria dos darwinistas sociais seus contemporâneos, Loos acreditava que a evolução consistia não só no triunfo dos mais aptos na luta pela sobrevivência mas também que estes vencedores constituíam as melhores expressões de suas espécies (ou raças), algo que não resultava tão claro para o último Darwin. Para Loos, a evolução tinha uma direção e essa direção era o progresso.

Evolucionista e Semperiano, Loos adotou uma espécie de olhar “etnográfico”, surpreendentemente similar ao de Edward Tylor – um dos pais fundadores da nova ciência da Antropologia. Comparando sua abordagem específica com o conceito biológico darwiniano de “espécie”, Tylor escrevia que “para o etnógrafo, o arco e flecha é uma espécie, o hábito de achatado crânios de crianças é uma espécie, a prática de contar números por dezenas é uma espécie”.²⁰ E de fato Loos observava sofás, vestidos, mobiliário, chapéus, instrumentos, pratos, todos os produtos das sociedades contemporâneas como espécies nesta via “etnográfica”.

O trabalho de Tylor tinha outras semelhanças importantes com a posição de Loos. Como Tylor, Loos era contra uma concepção tradicional de cultura como mero “progresso de refinamento”,²¹ e era contra a aspiração secessionista de mudanças como produto de ações individuais. Para Tylor – como para Loos – “Sabemos como artes, costumes e idéias são formadas entre nós pelas ações combinadas de muitos indivíduos, de cujas ações tanto motivo quanto efeito muitas vezes parecem bem distintamente fora de nosso alcance”.²² Loos concebia cultura como sinônimo de civilização, um conceito que para ele significava “aquele equilíbrio humano interno e externo que só era concedido pelo pensamento e ações racionais”.²³ Ele acreditava que povos “primitivos” eram menos desenvolvidos mas não sem racionalidade. Era nesse sentido que ele considerava os papuanos civilizados se confrontados com seus concidadãos contemporâneos austríacos e alemães. A idéia loosiana de civilização como uma organização racional e equilibrada de comunidades era também muito similar à de Tylor: “Civilização – escreve o antropólogo – pode ser

know that “over the course of 1907 and 1908, 1.372 male workers borrowed [from public libraries](...) 2.376 (books that) belonged to the ethnographic-fantastic category”.¹⁹

As did most of his contemporary social Darwinists, Loos believed that evolution consisted not only in the triumph of the best fitted in the fights for survival but also that these winners constituted the best expressions of their species (or races), something that did not result so clear for the late Darwin. For Loos evolution had a direction and this direction was Progress.

Evolutionist and Semperian, Loos adopted a sort of “ethnographic” gaze, surprisingly similar to that of Edward Tylor – one of the founding fathers of the new science of Anthropology. Comparing his own specific approach with Darwin’s biological concept of ‘species’ Tylor wrote that “to the ethnographer, the bow and arrow is a species, the habit of flattening children’s skulls is a species, the practice of reckoning numbers by tens is a species”.²⁰ And in fact Loos observed couches, dresses, furniture, hats, instruments, dishes, all the products of the contemporary societies as species in this “ethnographic” way.

The work of Tylor has other important similarities with Loos’s position. Like Tylor, Loos was against a traditional conception of culture as mere “Progress of refinement”,²¹ and was against Secessionist aspiration of changes as the product of individual actions. For Tylor – as for Loos – “We know how arts, customs, and ideas are shaped among ourselves by the combined actions of many individuals, of which actions both motive and effect often come quite distinctly without our view.”²² Loos conceived culture as a synonym of civilization, a concept that for him meant “that internal and external human equilibrium that was granted only by thought and rational actions”.²³ He believed that “primitive” peoples were less developed but not un-rational. It was in this sense that he considered Papuans as civilized if confronted with his Austrian and Germans contemporary fellow citizens. Loos’s idea of civilization as an equilibrated, rational organization of communities was also very similar to Tylor’s: “Civilization – wrote the anthropologist – may be looked upon as the general improvement of mankind by higher organization of the individual and of society, to the end of promoting at once man’s goodness, power and happiness”.²⁴

In this intellectual context it should not result strange that for Loos the most advanced society, that is to say the most advanced human stage achieved by evolution in Social-Darwinist terms, or in other words the example to follow in the search of Progress, was that of England.²⁵ Loos’s “anglophilia” was not isolated in Vienna,²⁶ in part because admiration for England was a liberal tradition in Europe,²⁷ and in particular because

2 Muller House, interiores. Fonte: Amc: revue d'architecture mouvement continue. Paris. Março 1984. pag 51-59.

2 Muller House, interiors. Source: Amc: revue d'architecture mouvement continue. Paris. March 1984. pages 51-59.



considerada como o aprimoramento geral da humanidade pela organização superior da indivíduo e da sociedade, com o fim de promover simultaneamente a bondade, poder e felicidade do homem".²⁴

Nesse contexto intelectual não resulta estranho que para Loos a sociedade mais avançada, isto é, o estágio humano mais avançado atingido pela evolução em termos sociais-darwinistas, ou em outras palavras o exemplo a seguir na busca do progresso, era a inglesa.²⁵ A "anglofilia" de Loos não era caso isolado em Viena,²⁶ em parte porque a admiração pela Inglaterra era uma tradição liberal na Europa,²⁷ e em particular porque a importação de instituições, produtos e modas era uma tendência generalizada na Viena de então, uma tendência que Loos partilhava com muitas outras figuras intelectuais de destaque vienenses como Sigmund Freud²⁸ e Theodore Herzl. A famosa paixão de Loos pela moda masculina inglesa coincidia com a de Herzl. Como foi estudado por Buruma, "Herzl sempre amara vestir-se formalmente. Era um dândi, com as políticas de um dândi. (...) Como o dandismo de Baudelaire, o de Herzl era um modo de identificar-se com a aristocracia, ou uma idéia de aristocracia."²⁹ "Pode-se dizer – escrevia Herzl no *Neue Freie Presse* (o mesmo jornal onde Loos publicou a maioria de seus artigos) – que os ingleses eram o povo de cultura dominante no mundo só olhando as corridas de cavalos em Viena. A combinação de esporte e dinheiro, espírito esportivo e competição e o máximo esforço com a mínima mostra de entusiasmo era maravilhosamente, tipicamente inglesa."³⁰

De acordo com sua escala antropológica de evolução, Loos introduzia o papuano infantil,³¹ selvagem no extremo oposto do inglês adulto, "equipado e habilitado".³² É interessante notar que o "papuano" não apareceu desde o início dos escritos de Loos. Seus primeiros "primitivos" não eram os papuanos mas os índios americanos.³³ A diferença não carece de importância: os índios "só" afetavam a superfície de sua pele com a pintura. Introduzindo a tatuagem papuana,³⁴ Loos podia evitar os problemas da policromia e da maquiagem feminina contemporânea, aludindo ao mesmo tempo à idéia de permanência.

A presença de povos "primitivos" expandia e era cada vez mais presente na imprensa e literatura, mostras e exposições públicas dos povos de língua alemã, como consequência da expansão imperialista, em particular da ocupação alemã de territórios africanos e oceânicos a partir de 1884.³⁵ Além disso, as revistas científicas vienenses³⁶ publicavam cada vez mais artigos sobre papuanos.

Deve registrar-se que Loos accentuava as características "negativas" dos povos "primitivos". Ele os descrevia como

importation of English institutions, wares and fashions was a generalized trend in fin-de siècle Vienna, a trend that Loos shared with many other leading Viennese intellectual figures like Sigmund Freud²⁸ and Theodore Herzl. Loos's famous passion for the English "Herrenmode" was coincident with that of Herzl's. As was studied by Buruma, "Herzl had always loved dressing up. He was a dandy, with the politics of a dandy. (...) Like Baudelaire's, Herzl's dandyism was a way of identifying with aristocracy, or an idea of aristocracy."²⁹ "You could tell – wrote Herzl in the *Neue Freie Presse* (the same newspaper where Loos published most of his articles) – that the English were the ruling Kulturvolk in the world by taking a look at the racecourse in Vienna. The combination of sports and money, fair play and competition, and the maximum effort with the minimum show of enthusiasm was wonderfully, typically English."³⁰

According to his anthropological scale of evolution, Loos introduced the childish, savage "Papuan"³¹ in the opposite extreme of the adult, "fitted" English.³² It is interesting to register that the "Papuan" did not appear since the beginnings of his writings. His first "primitives" were not the Papuan but the American Indians.³³ The difference does not lack of importance: Indians "only" affected the surface of their skin with painting. By introducing Papuan tattooing,³⁴ he could avoid the problems of polychromy and of contemporary female make-up, alluding at the same time to the idea of permanence.

The presence of "primitive" people expanded and was more and more present in German speaking countries press and literature, shows, and public exhibitions, as a consequence of the imperialist expansion, and in particular after the German occupation of African and Oceanic territories since 1884.³⁵ Moreover, Viennese scientific magazines³⁶ increasingly published articles on Papuans.

It should be noticed that Loos accentuated the "negative" characteristics of "primitive" peoples. He described them as savages, cannibals, childish and even ridiculous;³⁷ they used tattoos as a mere exhibitionist feature.³⁸ Darwin built a similar image: "It will be well first to show in some detail – he wrote in *The Descent of Man* – that savages pay the greatest attention to their personal appearance. That they have a passion for ornament is notorious. (...) But self-adornment, vanity, and the admiration of others, seem to be the commonest motives".³⁹ But others, like Tylor, had a more nuanced approach: "Among accounts of savage life, it is not, indeed uncommon to find details of admirable moral and social excellence. – he writes – (Prominent testimonies) have described, among the rude Papuans of the Eastern Archipelago, a habitual truthfulness, rightfulness, and kindness which it would be hard to match

selvagens, canibais, criançolas e mesmo ridículos;³⁷ usavam tatuagens meramente por exibicionismo.³⁸ Darwin construiu imagem similar: “Estará bem primeiro mostrar com algum detalhe – escreveu em *“The Descent of Man”* – que os selvagens dão a maior atenção à sua aparência pessoal. Que eles tem uma paixão por ornamento é notório.(...) Mas o auto-adorno, a vaidade e a admiração de outros parecem ser os motivos mais comuns”.³⁹ Mas outros, como Tylor, tinham uma abordagem mais matizada: “Entre as narrativas da vida selvagem, não é na verdade incomum encontrar detalhes de excelência social e moral admirável – escreve – (Testemunhos proeminentes) descreveram, entre os rudes papuanos do arquipélago oriental, uma habitual honestidade, correção e bondade que seria difícil bater na vida moral geral da Pérsia ou Índia, para não dizer nada de muito distrito europeu civilizado”.⁴⁰ A abordagem “negativa” de Loos em relação à tatuagem papuana resulta mais notória se comparada com a de seu mestre Semper, que – confrontando Darwin – considerava aquela prática como antecedente do vestuário.⁴¹

Além disso, no fim do século a tatuagem era no ocidente um dos modos emergentes de “descobrir” literalmente o corpo, soterrado sob séculos de repressão religiosa. E a despeito da negação do fato por Loos, a tatuagem era uma moda inglesa que invadia a Europa continental, e não precisamente limitada às “classes perigosas”: Lady Randolph Churchill, Ellen Ferry, a princesa Alexandra da Inglaterra, a princesa Olga da Grécia, Eduardo príncipe de Gales eram algumas das figuras públicas aristocráticas encantadas com a exibição de suas próprias tatuagens.⁴²

Loos estava consciente desse fato, e por essa razão incluía aristocratas tatuados na sua lista de “degenerados”, um conceito que precisa ser considerado em detalhe.

No seu estudo da construção histórica da “degeneração”, Daniel Pick diz que não havia nenhum referente estável a que degeneração se aplicasse; ao invés, durante a segunda metade do século (dezenove), um caleidoscópio fantástico de preocupações e objetos, do cretinismo ao alcoolismo e à sífilis, do campesinado à classe operária urbana, da burguesia à aristocracia, da loucura ao roubo, do indivíduo à multidão, do anarquismo ao feminismo, do declínio ao aumento populacional.⁴³ Além disso, Pick mostra que atrás dos principais estudos de “degeneração” como os de Morel, Maudsley, Lombroso, Lanckester, Krafft-Ebing e Nordau “descobre-se uma avalanche de livros, panfletos e artigos”.⁴⁴

Por causa da sua origem “austro-húngara”, e porque seu livro *“Degeneration”* tinha sido publicado em alemão em 1892 Max Nordau foi o autor que mais provavelmente

in the general moral life of Persia or India, to say nothing of many civilized European district.”⁴⁰ Loos “negative” approach to Papuan tattoo results more notorious if compared with that of his master Semper, who – confronting with Darwin – considered that practice as an antecedent of clothing.⁴¹

Moreover, at the turn of the century tattooing was in the West one of the emerging ways to literarily “discover” the body, buried under centuries of religious repression. And in spite of Loos’s negation of the fact, tattooing was an English fashion invading continental Europe, and not precisely limited to the ‘dangerous classes’: Lady Randolph Churchill, Ellen Ferry, princess Alexandra from England, princess Olga from Greece, Eduard the prince of Wales were some of the public aristocratic figures delighted by exhibiting their own tattoos.⁴²

Loos was conscious about this, and for these reason he included tattooed aristocrats in his list of “degenerates”, a concept that needs to be considered in detail.

In his study of the historic construction of “degeneration”, Daniel Pick stated that “(T)here was no one stable referent to which degeneration applied; instead a fantastic kaleidoscope of concerns and objects through the second half of the (nineteenth) century, from cretinism to alcoholism to syphilis, from peasantry to urban working class, bourgeoisie to aristocracy, madness to theft, individual to crowd, anarchism to feminism, population decline to population increase.”⁴³ Moreover, Pick shows that behind the main studies of “degeneration” such as Morel’s, Maudsley’s, Lombroso’s, Lanckester’s, Krafft-Ebing’s and Nordau’s “one discovers an avalanche of similar books, pamphlets, and articles.”⁴⁴

Because of his “austro-hungarian” origin, and because his book *“Degeneration”* was published in German in 1892 Max Nordau was the author that most probably could have a direct influence on Loos. Nordau’s critiques to women’s dressing, the eclecticism of bourgeois homes, and individualism of contemporary aesthetic tendencies are surprisingly coincident with those of Loos.⁴⁵ The association between “primitive” societies and “criminals” was frequent in nineteenth century anthropology. For Tylor (as for Loos) “atrocious life” was permitted to savages, but Londoners with that behavior must be imprisoned as “criminals”. “We may apply – he wrote – the often repeated comparison of savages to children as fairly to their moral as to their intellectual condition”.⁴⁶ But the link between “primitives”, “criminals” and tattooing in the way that would be reproduced in Loos writings was “scientifically” established by Cesare Lombroso: Nordau dedicated *“Degeneration”* to Lombroso, and Lombroso’s ideas received ample diffusion at the turn of the century.⁴⁷

Loos employed the concept of “degeneration” in order to

podia ter tido uma influência direta sobre Loos. As críticas de Nordau ao vestuário feminino, ao ecletismo dos lares burgueses e ao individualismo das tendências estéticas contemporâneas eram surpreendentemente coincidentes com as de Loos.⁴⁵ A associação entre sociedades “primitivas” e “criminosos” era freqüente na antropologia do século dezenove. Para Tylor (como para Loos) os selvagens podiam levar uma “vida atroz”, mas londrinos com esse comportamento deviam ser trancafiados como “criminosos”. “Podemos aplicar – ele escreveu – a freqüentemente repetida comparação de selvagens à crianças tão bem à sua condição moral quanto intelectual”.⁴⁶ Mas o elo entre “primitivos”, “criminosos” e tatuagem de um modo em que se reproduziria nos escritos de Loos foi “cientificamente” estabelecido por Cesare Lombroso: Nordau dedicou “Degeneration” a Lombroso, e as idéias de Lombroso receberam ampla difusão na volta do século.⁴⁷

Loos emprega o conceito de “degeneração” para explicar porque uma sociedade contemporânea européia presumivelmente desenvolvida – sua Áustria contemporânea – não estava reproduzindo a direção “correta” da evolução expressa pelos ingleses. De acordo com Loos, a “degeneração” austríaca era devida à aceitação de influências francesas: “desde um século e meio – escreve – recebemos uma cultura de segunda mão: através dos franceses. Nunca nos revoltamos contra a direção da França”.⁴⁸ Para ele, a Áustria devia adotar a cultura inglesa porque em última análise tal poderia ser considerado como uma recuperação dos velhos traços germânicos. “Talvez o alemão não goste de ouvir que ele deve renunciar à sua própria civilização para adotar a inglesa... Mas o alemão pode se consolar. É sua própria civilização aquela que foi aberta pelos ingleses no século dezenove. É a civilização germânica que foi mantida congelada no reino insular, intacta como o mamute na tundra, e que agora, fresca e vital, sobrepuja todas as outras civilizações. No século vinte todo o globo terrestre será dominado por uma única civilização.”⁴⁹

Nesse esquema antropológico com três personagens básicos – o papuano “primitivo”, o inglês “habilitado” e o austríaco “degenerado” – qual era o papel dos americanos? (ou porque para Loos o modelo a seguir era inglês e não americano?).⁵⁰

Loos nos dá uma indicação na sua referência a Walt Whitman, de novo em termos raciais. “Com uma visão profética – ele escreveu – o maior poeta que os alemães criaram desde os tempos de Goethe, Walt Whitman, o americano, contemplou este século (dezenove). Ele canta: ‘Pararam as raças mais velhas?/ Murcham e findam sua lição, cansadas ali além dos mares?/ Nós tomamos a tare-

explain why a contemporary, European, presumably developed society – his contemporary Austria – was not reproducing the “correct” direction of evolution, expressed by the English. According to Loos, Austrian “degeneration” was due to the acceptance of French influences: “since a century and a half ago – he wrote – we receive a second hand culture: through the French. We never revolted against France’s direction”.⁴⁸ For him, Austria should adopt the English culture because in the final analysis it should be considered as a recovery of the old German racial features. “Perhaps the German does not like to be told that he must renounce to his own civilization in order to adopt the English... But the German can console himself. It is his own civilization the one that was opened by the English in the nineteenth century. It is the German civilization, that which was maintained frozen in the islander kingdom, intact as mammoth in the tundra, and that now, fresh and vital overcomes all the other civilizations. In the twentieth century the whole earthly globe will be dominated by only one civilization.”⁴⁹

In this anthropological scheme with three basic characters – the “primitive” Papuan, the “fitted” English, and the “degenerate” Austrian – what was the role of the “Americans”? (or why was for Loos the English and not the American the model to follow?).⁵⁰

Loos gives us an indication in his reference to Walt Whitman, again in racial terms. “With a prophetic sight – he wrote – has contemplated this (nineteenth) century Walt Whitman, the American, the major poet that the Germans did create since the times of Goethe. He sings: ‘Have the elder races halted?/ Do they droop and end their lesson, wearied over there beyond the seas?/ We take up the task eternal, and the burden and the lesson,/Pioneers! O pioneers!’ (...). No, we are not quiet, old Walt Whitman. Still flows through us the old German blood ready to march”.⁵¹

We also know that in some of his writings, Loos treated the US with a typically European condescendence.⁵² “Architect Hammel – he comments – maintained a simplicity and ingenuity that reminds us that of the Americans”. As a matter of facts, this vision was shared even by an ample cultural north-American circle that included Whitman himself. For Dana Phillips “the question that Whitman inevitably faced (...) is this: what race is an American? America seemed (...) somewhat undefined nationally. (...) Since the country was, relatively speaking, still a new one, it really had not had time to evolve an identity through some process of natural selection of favorable traits. (...)”.⁵³ Following Haeckel’s ontogenetic premises, between the Papuan “child”, the English “adult” and the Austrian “degenerate”, Loos located the “Americans” in the place of the “unfinished” young,

fa eterna, e a carga e a lição, / Pioneiros! Ó pioneiros!/. (...) Não, não estamos quietos, velho Walt Whitman. Ainda flui dentro de nós o velho sangue alemão pronto para marchar".⁵¹

Sabemos também que em alguns de seus escritos Loos tratou os Estados Unidos com a condescendência européia.⁵² "O arquiteto Hammel – ele comenta – mantinha uma simplicidade e engenhosidade que recorda os americanos". De fato, essa visão era partilhada mesmo por um amplo círculo cultural norte-americano que incluía o próprio Whitman. Para Dana Phillips "a questão que Whitman inevitavelmente enfrentava (...) era essa: que raça é um americano? A América parecia (...) um pouco indefinida nacionalmente. (...) Como o país era, relativamente ainda um país novo, não tinha tido tempo de desenvolver uma identidade através de algum processo de seleção natural de traços favoráveis. (...)".⁵³ Seguindo as premissas ontogenéticas de Haeckel, entre a criança "papuana", o "adulto" inglês e o austríaco "degenerado", Loos punha o americano no lugar do jovem "inacabado", fechando dessa maneira sua construção teórica. É verdade que ele vivia num tempo que se pode identificar como "racialista", isto é, num tempo em que o conceito de raça estava "no ar". Mas ele coexistia com outros entendimentos das "diferenças" humanas. Por exemplo, Tylor já introduzira a idéia rica de "sobrevivência" que lhe permitia explicar a constituição complexa das sociedades contemporâneas, incluindo partes de diferentes "passados" e estágios de desenvolvimento.⁵⁴ Isso é algo que Loos refutava radicalmente por causa de sua tendência totalitária à homogeneização. E temos de lembrar que no mesmo momento, no mesmo país e na mesma cidade onde Loos estava vivendo durante sua jornada transatlântica, teorias mais progressistas eram discutidas. Inaugurando o ponto de vista relativista, na Universidade de Columbia, "tão cedo quanto 1887 (Franz) Boas (...) argumentava que o arranjo de artefatos em categorias mostrando graus de selvageria, barbárie ou civilização usava uma lógica fraudulenta não fundada fenomenicamente".⁵⁵

Mas essas concepções mais avançadas da diversidade humana não se limitavam aos círculos científicos.⁵⁶ Alguns dos intelectuais ocidentais, como os alemães expressionistas, estavam tentando demonstrar que era mesmo necessário inverter as considerações sobre "adiante e atrás, acima e abaixo". Um deles, Hans Paasche, descreveu em 1912 através das palavras de um suposto visitante africano os mesmos cenários considerados por Loos. Representa uma bela contra-visão com a qual termino este texto:

closing in this way his theoretical construction.

It is true that he lived in a time that we could identify as "racialist", that is, in a time when the concept of race was "in the air". But he co-existed with other understandings of human "differences". Already Tylor, for instance, introduced the rich idea of "survival" that allowed him to explain the complex constitution of contemporary societies, including parts from different "pasts" and stages of development.⁵⁴ This is something that Loos radically refuted because of his totalitarian tendency towards homogenization. And we have to remember that at the same moment, in the same country, and in the same city where Loos was living during his trans-Atlantic journey, more progressive theories were discussed. Inaugurating the relativist point of view, in Columbia University "as early as 1887 (Franz) Boas (...) argued that arranging artifacts into categories depicting degrees of savagery, barbarism, or civilization employed a fraudulent logic 'not founded on the phenomenon'".⁵⁵

But these more advanced conceptions of human diversity were not limited to scientific circles.⁵⁶ Some of the western intellectuals, like German expressionists, were trying to demonstrate that it was even necessary to invert the considerations about "forward and backward, above and below". One of them, Hans Paasche, described in 1912 through the words of a supposed African visitor, the same scenarios considered by Loos. It represents a beautiful counter-vision with which I would like to finish this paper:

I said the natives wear clothes even when they work, writes Lukanga Mukara to the chief of his village- (...). All the natives walk dressed and even when they bath they wear a thin dress. Nobody has the right to walk nude. Nobody thinks it is revolting and offensive to wear clothes. Even the King of the Nation submits himself to the compulsory clothes. On his body he wears thick sewed material. He covers his head and he wraps his feet in sewed calfskin. How beautiful and elevated you are, O Mukama, compared to him. Your dress is straw string on which two carved horns of an antelope hang, and a striped goat skin covers the left side of your hip. Free breaths your breast, the sun shines upon your smooth skin, and your naked foot touches the fertile soil.⁵⁷

Eu disse que os nativos vestem roupas mesmo quando trabalham, escreve Lukanga Mukara para o chefe de sua aldeia – (...). Todos os nativos caminham vestidos e mesmo quando se banham usam uma roupa fina. Ninguém tem o direito de caminhar nu. Ninguém pensa que é revoltante e ofensivo vestir roupas. Até o rei da nação se submete às roupas compulsórias. Ele veste seu corpo com material grosso costurado. Cobre sua cabeça e enrola seus pés em pelica costurada. Quão belo e elevado você é, ó Mukama, comparado a ele. Sua roupa é cordão de palha no qual pendem duas cabeças esculpidas de um antílope, e uma saia de cabra raiada cobre o lado esquerdo de sua anca. Livre respira o seu peito, o sol brilha sobre a sua pele macia e seus pés nus tocam o solo fértil.⁵⁷

NOTAS

¹ “Es wandelt niemand ungestraft unter Palmen”; Johann Wilhelm von Goethe, *Die Wahlverwandtschaften*, trad. Elective affinities, London, 1980. Citado em: Jill Lloyd, *German Expressionism. Primitivism and Modernity*, New Haven, London, 1991.

² Citado em Carl Shorske, *Fin de siècle Vienna. Politics and Culture*, Toronto-New York, 1980.

³ John W. Boyer Freud, *Marriage, and late Viennese Liberalism from 1905.*, *The Journal of Modern History*, Vol.50., Nº1, March, 1978.

⁴ Schilausstellung der Kunstgewerbeschule, *Die Zeit*, 30.10.97; Weinachtsausstellung im Österreichischen Museum, *Die Zeit*, 18.12.97

⁵ Ver: George Stocking, *Victorian Anthropology*, New York, 1987.

⁶ Ver John Boyer, op.cit. Sobre o darwinismo social, ver Mike Hawkins, *Social Darwinism in European and American Thought 1860-1945*, Cambridge, 1997. Ver também Andrew Zimmerman, *Anthropology and antihumanism in Imperial Germany*, Chicago-London, 2001.

⁷ Concepções racistas faziam parte até mesmo da versão marxista de socialismo. Ver: Diane Paul, ‘In the Interests of Civilization’: Marxist Views of Race and Culture in the Nineteenth Century, in *Journal of the History of Ideas*, Vol.42, Nº1, January-March, 1981.

⁸ Richard Weikart, *The Origins of Social Darwinism in Germany, 1859-1895*. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 54, Nº3, July 1993. “O socialista Ludwig Woltmann pode ter sido o primeiro alemão a usar o termo darwinismo social quando os atacou em seu livro *Darwinische Theorie und der Sozialismus* (1899). A maioria dos darwinistas sociais alemães vieram dos quadros liberais, os quais eram fortemente representados na comunidade acadêmica alemã daquela época. Do lado contrário estavam figuras como Ziegler ou Schmidt. Em 1893, Ziegler declarou que, ‘de acordo com a teoria de Darwin, a guerra tem sido da maior importância para o progresso geral da raça humana, no qual os povos mais fracos fisicamente, os menos inteligentes, os moralmente inferiores ou moralmente degenerados devem desocupar a área e dar lugar aos mais fortes e melhor desenvolvidos’. Segundo Ziegler, até a preparação para a guerra é parte da incansável luta pela existência”.

⁹ A.M. Mc Briar, *Fabian Socialism and English Politics, 1884-1918*, Cambridge, 1966). Ver também Chris Tame *An economic misinterpretation of History*. *Historical Notes* Nº6, London, 1998. De acordo com Russell Sparkes (*The Enemy of Eugenics*, <http://www.secondspring.co.uk/archive/sparkes.htm>) “A eugenia tornou-se uma causa difundida progressivamente, promovida pela Sociedade Fabiana, e era estreitamente associada a argumentos similares para o controle de natalidade. Em 1903, H.G. Wells escreveu: ‘a conclusão é que se pudéssemos impedir ou desencorajar os tipos inferiores de pessoas de terem filhos e se pudéssemos estimular e encorajar os tipos superiores a aumentar e multiplicar-se, deveríamos elevar o padrão geral da raça’. Dr. Saleeby, um dos médicos mais distintos de seu tempo, advogava que as pessoas que pretendiam casar-se deveriam ter “registros de saúde”, provando que não apresentavam nenhuma deformidade congênita. Outros entusiastas eugenistas eram Shaw, que estimulou argumentos eugênicos em sua peça *Homem e Super-homem*, e o sexólogo Havelock Ellis. Ellis era um pervertido estranho, digno de seu sucessor, Kinsey. Sendo ele próprio impotente, parece nunca ter-lhe ocorrido se ele não seria, ele mesmo, um “degenerado” ou “inapto”. Os líderes dos Socialistas Fabianos radicais eram

NOTES

¹ Es wandelt niemand ungestraft unter Palmen; Johann Wilhelm von Goethe, *Die Wahlverwandtschaften*, trad. Elective affinities, London, 1980. Quoted in: Jill Lloyd, *German Expressionism. Primitivism and Modernity*, New Haven, London, 1991.

² Quoted in Carl Shorske, *Fin de siècle Vienna. Politics and Culture*, Toronto-New York, 1980.

³ John W. Boyer Freud, *Marriage, and late Viennese Liberalism from 1905*, *The Journal of Modern History*, Vol.50., Nº1, March, 1978.

⁴ Schilausstellung der Kunstgewerbeschule, *Die Zeit*, 30.10.97; Weinachtsausstellung im Österreichischen Museum, *Die Zeit*, 18.12.97.

⁵ See: George Stocking, *Victorian Anthropology*, New York, 1987.

⁶ See John Boyer, op.cit. On Social Darwinism see Mike Hawkins, *Social Darwinism in European and American Thought 1860-1945*, Cambridge, 1997. See also Andrew Zimmerman, *Anthropology and antihumanism in Imperial Germany*, Chicago-London, 2001.

⁷ Racialist conceptions were even part of the Marxist version of socialism. See: Diane Paul, *In the Interests of Civilization: Marxist Views of Race and Culture in the Nineteenth Century*, in *Journal of the History of Ideas*, Vol.42, Nº1, January-March, 1981.

⁸ Richard Weikart, *The Origins of Social Darwinism in Germany, 1859-1895*. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 54, Nº3, July 1993. “The socialist Ludwig Woltmann may have been the first German to use the term Social Darwinism when he assailed them in his book *Die Darwinische Theorie und der Sozialismus* (1899). Most German Social Darwinists, then, were drawn from the ranks of the liberals, who were strongly represented in the German academic community at that time. On the opposite side they were figures like Ziegler or Schmidt. In 1893 the former asserted that ‘according to Darwin’s theory, war has constantly been of the greatest importance for the general progress of the human race, in that the physically weaker, the less intelligent, the morally inferior or morally degenerate peoples must clear out and make room for the stronger and better developed’. According to Ziegler, even preparation for war is a part of the relentless struggle for existence”.

⁹ A.M. Mc Briar, *Fabian Socialism and English Politics, 1884-1918*, Cambridge, 1966). See also Chris Tame, *An economic misinterpretation of History*. *Historical Notes* Nº6, London, 1998. According to Russell Sparkes (*The Enemy of Eugenics*, <http://www.secondspring.co.uk/archive/sparkes.htm>) “Eugenics became a widespread progressive cause promoted by the Fabian Society, and was closely allied with similar arguments for birth control. In 1903, H. G. Wells wrote: ‘the conclusion is that if we could prevent or discourage the inferior sort of people from having children, and if we could stimulate and encourage the superior sort to increase and multiply, we should raise the general standard of the race.’ Dr. Saleeby, one of the most distinguished doctors of his day, advocated that people intending to marry should have “health books” proving that they had no congenital deformity. Other enthusiastic eugenists were Shaw, who put forward eugenic arguments in his play, *Man and Superman*, and the sex investigator Havelock Ellis. Ellis was a weird pervert worthy of his successor, Kinsey. Impotent himself, it never seems to have occurred to him whether he was a “degenerate” or “unfit.” The leaders of the radical Socialist Fabians were the husband and wife team of Beatrice and Sydney Webb. Fabian Tract No. 131, written by Sydney Webb in 1907, states: ‘In Great Britain at this moment, when half, or perhaps two-thirds of all the married people are regulating their families,

o casal Beatrice e Sydney Webb. Fabian Tract No. 131, escrito por Sydney Webb em 1907, afirma: 'Na Grã-Bretanha, neste momento, quando metade ou talvez dois terços dos casais estão regulando suas famílias, crianças estão nascendo livremente de irlandeses católicos e judeus poloneses, russos e alemães, irresponsáveis e sem futuro. [...] Isso resultará em nada mais do que na deterioração nacional [...] ou na submissão deste país aos irlandeses e judeus'."

¹⁰ Citado em A.M. Mc Briar, Op.Cit. "A Sociedade Fabiana alega apoiar a expansão do Império somente se for compatível com a expansão daquela organização social superior que a Sociedade foi fundada para promover": a proposta de resolução de S.G. Hobson à Reunião de Membros de 12/08/1899, citado em Ibidem.

Em Fabian Tract N° 108. November, 1901. Twentieth Century Politics: a policy of national efficiency, Sidney Webb escreveu: "A política do século vinte neste País certamente assumirá a tarefa de manter, contra toda agressão externa, esta grande Commonwealth de povos modelados pelo Império Britânico, incluindo no seu interior membros de todas as raças, de todas as cores, e de quase todas as línguas e religiões. Nós, em qualquer caso, estamos impedidos de supor ou admitir que qualquer "nacionalidade" distinta, apenas porque imagine a si mesma ter metas que difiram ou, talvez, conflitem, com os interesses comuns do Império como um todo tenha, por isso, um direito abstrato a organizar um governo independente e a impor essas metas, a qualquer custo, a seus colegas ou vizinhos. O direito abstrato à liberdade sem peias do auto-governo, a qual todos nós vemos que deve ser negada ao indivíduo, não pode ser outorgada à família, à tribo, à raça, à paróquia, à cidade, ao país, à província, ou ao estado. Nosso óbvio dever para com o Império Britânico não é governá-lo para nosso próprio proveito, ou com a idéia de impor o Anglo-saxonismo a um mundo relutante, mas dedicar nossos melhores cérebros à tarefa de organizá-lo de maneira a (consistentemente com o objetivo maior de manter sua integridade) promover o máximo desenvolvimento de cada unidade geográfica dentro de seus limites."

¹¹ Nós até mesmo podemos encontrar nos Fabian Tracts muitos vestígios de outras idéias de Loos, como a da austeridade. Podemos encontrar indícios da maneira de pensar dos Fabianos. No Fabian Tract N° 69, 1896, intitulado The Difficulties of Individualism, Sidney Webb perscruta a sociedade britânica e chega à conclusão de que a propriedade privada promove "uma produção equivocada, tanto de bens de consumo como de seres humanos; a produção de luxos sem sentido, enquanto há necessidade de mais pão; e a concepção de hordas degeneradas de um 'resíduo' desmoralizado, incapaz para a vida social." Mais adiante ele nota que um dos resultados da pobreza é "uma horda de semi-bárbaros", alertando a seguir sobre uma "multiplicação indiscriminada dos incapazes".

¹² Sociedades Antropológicas foram previamente fundadas em Londres (1863), Madri (1865), e Berlim (1869).

¹³ Ver Brigitte Fuchs; 'Rasse', 'Volk', Geschlecht. Anthropologische Diskurse in Österreich, Frankfurt, 2003. "Österreich inszenierte sich auf der Weltausstellung [Vienna, 1873] als koloniales Mutterland, das zwar keine Kolonien sein eigen nenne konnte, whol aber die Kolonisation im, Zeitalter des Reisens und Entdeckens' initiiert hatte. Diese kolonialistische Selbstinszenierung wurde von der Rpräsentation Österreichs als, Vaterland' durchkreuzt und überlagert – einer nationalen Identität, die durch die Leistungen Österreichs in, Kultur und Volkswirtschaft' zum Ausdruck gebracht werden sollte". Uma das figuras científicas prominentes que justificavam a "germanidade" do estado austríaco desde um

children are being freely born to the Irish Roman Catholics and the Polish, Russian and German Jews, the thriftless and irresponsible... This can hardly result in anything but national deterioration... or this country falling to the Irish and the Jews."

¹⁰ Quoted in A.M. Mc Briar, Op.Cit. "The Fabian Society... pledges itself to support the expansion of the Empire only in so far as that may be compatible with the expansion of that higher social organization which this Society was founded to promote": S.G. Hobson resolution proposal to the Member's Meeting on 12.8.1899, quoted in Ibidem.

In Fabian Tract N° 108. November, 1901. Twentieth Century Politics: a policy of national efficiency, Sidney Webb wrote "Twentieth Century Politics for this country will certainly assume the maintenance, as against all external aggression, of that great commonwealth of peoples styled the British Empire, including within itself members of all races, of all human colors, and nearly all languages and religions. We, at any rate, are precluded from assuming or admitting that any distinct "nationality", just because it imagines itself to have ends which differ from, and perhaps, conflict with, the common interests of the Empire as a whole, has, therefore, an abstract right to organize an independent government and pursue those ends at whatever cost to its colleagues or neighbors. The abstract right to unfettered freedom in self-government, which we all see that we must deny to the individual, cannot be accorded to the family, the tribe, the race, the parish, the city, the country, the province, or the state. Our obvious duty with the British Empire is, not to 'run' it for our own profit, or with any idea of imposing Anglo-Saxondom on a reluctant world, but to put our best brains into the task of so organizing it as (consistently with the paramount aim of its maintenance as a whole) to promote the maximum development of each geographical unit within its bounds".

¹¹ We could even find in the Fabian Tracts many traces of other Loos's ideas, like that of austerity. We can find traces of the Fabian way of thinking: In the Fabian Tract N° 69, 1896 entitled The Difficulties of Individualism, Sidney Webb looked at British society and came to a conclusion that private property promotes "wrong production, both of commodities and of human beings; the preparation of senseless luxuries whilst there is need for more bread; and the breeding of degenerate hordes of demoralized 'residuum' unfit for social life." Later in the tract he noted that one result of poverty is "a horde of semi-barbarians," and still later he warned of the "indiscriminate multiplication of the unfit."

¹² Anthropological Societies were previously created in London (1863), Madrid (1865), and Berlin (1869).

¹³ See Brigitte Fuchs; 'Rasse', 'Volk', Geschlecht. Anthropologische Diskurse in Österreich, Frankfurt, 2003. "Österreich inszenierte sich auf der Weltausstellung [Vienna, 1873] als koloniales Mutterland, das zwar keine Kolonien sein eigen nenne konnte, whol aber die Kolonisation im, Zeitalter des Reisens und Entdeckens' initiiert hatte. Diese kolonialistische Selbstinszenierung wurde von der Rpräsentation Österreichs als, Vaterland' durchkreuzt und überlagert – einer nationalen Identität, die durch die Leistungen Österreichs in, Kultur und Volkswirtschaft' zum Ausdruck gebracht werden sollte". One of the prominent scientific figures that justified the "Germaneness" of the Austrian state from an anthropological point of view was Ludwig Gumplowicz, a Professor in Graz, who published his The Racial Struggle in 1883. For Gumplowicz "the weaker would be eliminated. He also justified the subjugation of one ethnic group by another, asserting that this is the foundation of civilization and that 'we do not hesitate to recognize that the most cruel and barbarous conquerors

ponto de vista antropológico foi Ludwig Gumplowicz, Professor em Graz, que publicou seu *A luta racial* em 1883. Para Gumplowicz, “os mais fracos seriam eliminados. Ele também justificava a subjugação de um grupo étnico por outro, afirmando que esta é o fundamento da civilização e que ‘nós não hesitamos reconhecer que o mais cruéis e bárbaros conquistadores são os instrumentos cegos do progresso humano e poderosamente promovem a civilização, ou melhor, até mesmo a fundam’”. Citado por Richard Weickart (*The origins of social Darwinism in Germany, 1859-1895*, *Journal of the History of Ideas*, Vol. 54, July, 1993).

¹⁴ *Ethnographie der österreichischen Monarchie, 1852*. Ver Brigitte Fuchs, >Rasse<, >Volk<, >Geschlecht<. *Anthropologische Diskurse in Österreich. 1850-1860*, Frankfurt-New York, 2003.

¹⁵ *Studien zur Anthropologie Tirols und sette comuni, 1883*.

¹⁶ “Nos seus Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905, Freud reafirma seu ponto de vista: “A ontogênese pode ser vista como a recapitulação da filogênese, na medida em que a primeira não tenha sido modificada por experiências mais recentes. A disposição filogenética pode ser vista trabalhando atrás do processo ontogenético”. Citado em: Edwin Wallace, *Freud and Anthropology*, New York, 1983.

¹⁷ Assim resumido por Neil Davie (‘Criminal Man Revisited? Continuity and change in British Criminology, c. 1865-1918’, in *Journal of Victorian Culture*, Spring 2003, Vol. 8 Issue 1): “Concebida pelo zoólogo darwinista alemão Ernst Haeckel, a teoria (conhecida como ‘recapitulação’) sustentava que um indivíduo, quando cresce, passa por uma série de estágios que espelham as formas adultas dos ancestrais do homem”. Haeckel desenvolveu este ponto de sua teoria em *Natürliche Schöpfungsgeschichte*, Berlin, 1868. (Zwölfter Vortrag. *Entwicklungsgeschichte der organischen Stämme und Individuen. Phylogenie und Ontogenie*).

¹⁸ John Phillip Short, *Everyman’s Colonial library: imperialism and working-class readers in Leipzig*, in *German History*, Vol. 21, N°4, 2003.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ Edward B. Tylor, *Primitive Culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. London, 1871.

²¹ Ver as definições de “cultura” e “civilização” de Raymond Williams em *Keywords: a vocabulary of culture and society*, New York, 1985.

²² E ele acrescenta: “A história de uma invenção, de uma opinião, de uma cerimônia, é uma história de sugestão e modificação, encorajamento e oposição, ganho pessoal e prejuízo comum, e cada um dos indivíduos envolvidos age de acordo com seus próprios motivos, tal como são ditados por seu caráter e circunstâncias”.

²³ Adolf Loos, *Architecture*, in *Trotzdem*, 1910.

²⁴ Edward B. Tylor, *Primitive Culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. London, 1871.

²⁵ A idéia da superioridade dos anglo-saxões estava obviamente ligada à impressionante expansão do Império Britânico, mas também recebeu um forte impulso do imaginário europeu após a derrota francesa na guerra franco-prussiana. A esse respeito, a principal consideração tratada explicitamente foi exposta no livro de Edouard Demolins, publicado em Paris em 1898, *A quoi tient la superiorité des Anglo-saxons*. Ver também: Paul Gilroy, “There ain’t no black in the Union Jack”: the cultural politics of race and nation”, London, 1987; Christine Bolt, “Victorian attitudes to Race”, London, 1971.

are the blind instruments of human progress and powerfully promote civilization, nay, even found it’”. Quoted by Richard Weickart (*The origins of social Darwinism in Germany, 1859-1895*, *Journal of the History of Ideas*, Vol. 54, July, 1993).

¹⁴ *Ethnographie der österreichischen Monarchie, 1852*. See Brigitte Fuchs, >Rasse<, >Volk<, >Geschlecht<. *Anthropologische Diskurse in Österreich. 1850-1860*, Frankfurt-New York, 2003.

¹⁵ *Studien zur Anthropologie Tirols und sette comuni, 1883*.

¹⁶ “In his Three Essays on the Theory of Sexuality”, 1905 Freud reaffirmed his view that ‘Ontogenesis may be regarded as a recapitulation of phylogenesis, in so far as the latter has not been modified by more recent experience. The phylogenetic disposition can be seen at work behind the ontogenetic process’. Quoted in: Edwin Wallace, *Freud and Anthropology*, New York, 1983.

¹⁷ As summarized by Neil Davie (‘Criminal Man Revisited? Continuity and change in British Criminology, c. 1865-1918’, in *Journal of Victorian Culture*, Spring 2003, Vol. 8 Issue 1) “Devised by the German Darwinian zoologist Ernst Haeckel, the theory (known as ‘recapitulation’) held that an individual, as it grows, passes through a series of stages which mirror the adult forms of Man’s ancestors”. Haeckel developed this point of his theory in his *Natürliche Schöpfungsgeschichte*, Berlin, 1868. (Zwölfter Vortrag. *Entwicklungsgeschichte der organischen Stämme und Individuen. Phylogenie und Ontogenie*).

¹⁸ John Phillip Short, *Everyman’s Colonial library: imperialism and working-class readers in Leipzig*, in *German History*, Vol. 21, N°4, 2003.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ Edward B. Tylor, *Primitive Culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. London, 1871.

²¹ See Raymond Williams’s definitions of “culture” and “civilization” in *Keywords: a vocabulary of culture and society*, New York, 1985.

²² And he continues: “The history of an invention, an opinion, a ceremony, is a history of suggestion and modification, encouragement and opposition, personal gain and party prejudice, and the individuals concerned act each according to its own motives, as determined by his character and circumstances”.

²³ Adolf Loos, *Architecture*, in *Trotzdem*, 1910.

²⁴ Edward B. Tylor, *Primitive Culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*. London, 1871.

²⁵ The idea of the superiority of Anglo-Saxons was obviously tied to the impressive expansion of the British Empire, but it received a strong impulse in the European imaginary after the French defeat in the Franco-Prussian War. The main explicit consideration of the idea was expressed Edouard Demolins’s book published in Paris in 1898, *A quoi tient la superiorité des Anglo-Saxons*. See also: Paul Gilroy, “There ain’t no black in the Union Jack”: the cultural politics of race and nation”, London, 1987; Christine Bolt, “Victorian attitudes to Race”, London, 1971.

²⁶ In the specific field of architecture is very well known the importance of Mackintosh ideas for the Secessionists (See: Horst-Herbert Kossatz, *The Vienna Secession and its early relations with Great Britain*, *Studio international*, Vol. 181, January 1971; and Eduard Sekler, *Mackintosh and Vienna*, *Architectural review* Vol. 145, December, 1969). Moreover Edward Sekler had pointed out the strong presence of the ideas of Ruskin and Morris in the *Hohe Warte*, a small periodical appeared between 1904 and 1908. *The Architectural Reaction in Austria*, in *Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol.24,

²⁶ No campo específico da arquitetura, é bem conhecida a importância das ideias de Mackintosh para os secessionistas (Ver: Horst-Herbert Kossatz, *The Vienna Secession and its early relations with Great Britain*, Studio international, Vol. 181, January 1971; e Eduard Sekler, *Mackintosh and Vienna*, Architectural review Vol. 145, December, 1969). Além disso, Edward Sekler destacou a forte presença das ideias de Ruskin e Morris em Hohe Warte, um pequeno periódico aparecido entre 1904 e 1908. *The Architectural Reaction in Austria*, in *Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol.24, Nº1, March, 1965.

²⁷ Ver Ian Buruma, *Anglomania. A European love affair*, New York, 2000.

²⁸ “Como muitos outros liberais austríacos, desde sua juventude Freud era um anglófilo apaixonado. (...) Os meio-irmãos mais velhos de Sigmund emigraram para construir carreiras bem sucedidas em Manchester, (...e) após sua formatura no Ginásio, em 1875, Freud faz sua primeira visita aos seus parentes na Inglaterra, uma visita que deixou sobre ele uma impressão indelével”. [Freud para sua noiva Martha Bernays:] ‘O pensamento da Inglaterra se eleva diante de mim, com sua sóbria industriabilidade, sua generosa devoção ao bem público, a determinação e o acurado sentimento de justiça de seus habitantes, a fogueira do interesse geral que pode cintilar nos jornais’. (Como Loos) A maioria dos intelectuais contemporâneos de Freud admiravam a Inglaterra por produzir um tipo humano que fundia praticidade burguesa com graça aristocrática, negócios, e alto estilo. O escritor Arthur Schnitzler retratou em uma novela um judeu austríaco que, iniciando vida nova na Inglaterra, encarnava o típico inglês, tal como os austríacos do final do século o viam: calmo e de olhar frio, cortês e auto-contido. Para formar personalidades desse tipo, o poeta Hugo von Hofmannsthal e seus amigos da alta burocracia queriam estabelecer na Áustria o modelo da public school inglesa. O estado judeu de Theodor Herzl também cultivaria esse aristocrata realista à la anglaise”. Carl E. Schorske; *Thinking with History*, Princeton, 1998.

²⁹ I. Buruma, Op.Cit.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ Loos repetia, nesse caso, um preconceito antropológico muito difundido que identificava os papuas com o nível mais baixo da evolução humana. O antropólogo norte-americano Lewis H. Morgan estabeleceu seis níveis na escala da evolução humana anterior à “civilização” (*Ancient Society or researches in the lines of human progress from savagery, through barbarism to civilization*, New York, 1877): estado inferior de selvageria, estado intermediário de selvageria, estado superior de selvageria, estado inferior de barbarismo, estado intermediário de barbarismo, estado superior de barbarismo. Ele não encontrou nenhum “exemplo de tribos humanas” no estado mais baixo, situado na fronteira com a mera condição animal. Porém, “dentro das tribos ainda existentes, no momento de sua descoberta” (poderiam ser identificados com o estado mais baixo) “os australianos e grande parte dos polinésios”.

³² Neil Davie (Op.Cit.) relembra que em um livro precisamente intitulado “*The Origin of the Fitted*” (New York, 1887), “E.D. Cope, um influente paleontólogo americano surgiu com quatro desses grupos ‘inferiores’ em seu livro de grande influência: em ordem crescente; raças não-brancas, todas as mulheres, sulistas em oposição aos brancos europeus nórdicos, e as classes mais baixas em meio às raças superiores”.

³³ No século dezenove, a imagem dos índios americanos foi popularizada nos países de língua alemã através da literatura. Autores norte-americanos importantes, como James Fenimore

Nº1, March, 1965.

²⁷ See Ian Buruma, *Anglomania. A European love affair*, New York, 2000.

²⁸ “Like many another Austrian liberal, Freud was a passionate Anglophile from his youth.(...) Sigmund’s older half-brothers emigrated to build successful careers in Manchester, (...and) after graduation from Gymnasium in 1875, Freud made his first visit to his relatives in England, a visit which left an indelible impression on him”. [Freud to his fiancée Martha Bernays:] ‘The thought of England surges up before me, with its sober industriousness, its generous devotion to the public weal, the stubbornness and sensitive feeling for justice of its inhabitants, the running fire of general interest that can strike sparks in the newspapers’. (Like Loos) Most of Freud’s contemporaries among the intellectuals admired England for producing a human type who fused bourgeois practicality with aristocratic grace, business, and high style. The writer Arthur Schnitzler portrayed in a novel an Austrian Jew who, making a new life in England, embodied the typical Englishman as Austrians of the fin de siècle saw him: cool and gray-eyed, courteous and self-possessed. The poet Hugo von Hofmannsthal and his friends in the higher bureaucracy wanted to establish a public school on the English model in Austria to breed such personalities. Theodor Herzl’s Jewish state too would cultivate such aristocratic realist à la anglais”. Carl E. Schorske; *Thinking with History*, Princeton, 1998.

²⁹ I. Buruma, Op.Cit.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ Loos was repeating in this case a diffused anthropological prejudice identifying the Papuans in the lowest level of human evolution. The north American anthropologist Lewis H. Morgan established six levels in his range of human evolution previous to “civilization” (*Ancient Society or researches in the lines of human progress from savagery, through barbarism to civilization*, New York, 1877): lower status of savagery, middle status of savagery, upper status of savagery, lower status of barbarism, middle status of barbarism, upper status of barbarism. He did not find any “exemplification of tribes of mankind” in the lowest status, in the frontier with mere animal condition. But “among tribes still existing (could be recognized in the lowest status) the Australians and the greater part of the Polynesians when discovered”.

³² Neil Davie (Op.Cit.) remembers that in a book titled precisely “*The Origin of the Fitted*” (New York, 1887), “E.D. Cope, an influential American paleontologist came up with four such ‘inferior’ groups in (his) widely- influential book: in ascending order; non-white races, all women, southern as opposed to northern European whites, and lower classes within superior races”.

³³ In nineteenth century German speaking countries the image of American Indians was popularized through literature. Important north American authors like James Fenimore Cooper were translated to German, and German writers like Charles Sealsfield (Karl Postl), Ferdinand Kürnberger, Friedrich Gerstäcker and many others, published their own vision of native Americans. (See Carl Wittke, ‘The America theme in continental European literature’, in *The Mississippi Valley Historical Review*, Vol. 28, June, 1941. Moreover Loos could have a first hand impression thanks to the performances of Buffalo Bill, whose Wild West Show was presented in Vienna’s Rotunde in 1890 with an assistance of more than 20.000 viewers (Werner Michael Schwarz, *Anthropologische Spektakel. Sur Schausstellung ‘exotischer’ Menschen*, Wien 1870-1910, Wien, 2001). In addition Loos had the opportunity to be in direct contact with Native Americans during his stage in the US. We know that, at least, he visited the International Columbian Exposition in Chicago where different American Indians

Cooper, foram traduzidos para o alemão, e escritores alemães como Charles Seaside (Karl Post), Ferdinand Kürnberger, Friedrich Gerstäcker e muitos outros publicaram sua própria visão dos nativos americanos (ver Carl Wittke, 'The America theme in continental European literature', in *The Mississippi Valley Historical Review*, Vol. 28, June, 1941). Além disso, Loos poderia ter tido uma impressão de primeira mão graças às performances de Buffalo Bill, cujo Wild West Show foi apresentado na Rotunda de Viena em 1890, com uma assistência de mais de vinte mil espectadores (Werner Michael Schwarz, *Anthropologische Spektakel. Sur Schaulstellung 'exotischer' Menschen, Wien 1870-1910, Wien, 2001*). Adicionalmente, Loos teve a oportunidade de estar em contato direto com nativos americanos durante sua estadia nos Estados Unidos. Nós sabemos pelo menos que ele visitou a International Columbian Exposition de Chicago, onde vários índios americanos eram exibidos em exposições "etnográficas".

³⁴ No segundo volume do seu livro *The principles of sociology*, publicado em 1883, Herbert Spencer apresentou uma variedade de "mutilações" da pele em numerosos povos. O estudo mais acurado sobre essas práticas, produzido ao final do século dezanove, foi publicado por A.W. Buckland: 'On Tattooing', *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain*, Vol. 17. O estudo de Buckland foi apresentado na Reunião Annual do AIGB, e – como fará Semper – o autor postulava a idéia de uma relação entre tatuagem e vestuário: "Cabendo no título de ornamento, parece provável que este modo doloroso de adorno pessoal foi adotado em um período muito inicial da história humana, e foi nesse tempo quase universal, caindo em desuso com o avanço da civilização, quando o vestuário se generalizou e eram escolhidos ornamentos que não causassem dor e pudessem ser trocados de acordo com o capricho de quem os portasse. Mas mesmo nos dias de hoje a tatuagem constitui a vestimenta da grande massa de nativos despidos, em várias partes do mundo, enquanto em alguns lugares ela é mais do que um ornamento pessoal, formando um rito cerimonial que acompanha a iniciação à idade adulta." Como podemos ver, as idéias sobre ornamentação e tatuagem levadas em consideração pelos antropólogos eram muito diferentes daquelas adotadas por Loos.

"A tradição da cultura popular de exibir bizarrices humanas, curiosidades, anormalidades – tudo o que se possa chamar de monstruosidades –, foi reconfigurada na era do imperialismo como espetáculo de raça, da diferença racial, do grotesco racial. Um espetáculo ostensivamente científico. O explorador inglês Herbert Ward, que passou anos ao longo do Rio Congo, descreve a cicatrização, ou ritual de escarificação, com uma metáfora astronômica: as incontáveis pequenas cicatrizes eram como constelações, 'um mapa do céu da meia noite'. No seu livro *Five Years with the Congo Cannibals* (1891), ele descreve o corpo de uma mulher: 'De fato, eu vi uma robusta senhora Lolo que ostentava um completo sistema solar em suas costas, que poderia apontar todas as estrelas da Via Lactea, com um igual número de excrescências sobre o seu busto estrelado e, ainda, alguns punhados jogados em suas pernas, para cair nas nebulosas que formam os membros de Andrômeda.'" "Nesta aldeia eu vi o primeiro espécimen da tribo dos anões que, dizia-se, espalhava-se esparsamente ao norte do Ituri, a leste do Ngaiyu. Ela media em altura trinta e três polegadas, e era uma mulher perfeitamente formada de cerca de dezessete anos, com um corpo reluzente e esguio. Sua figura era de uma dama de cor em miniatura, à qual não faltava uma certa graça, e seu rosto causava uma impressão muito favorável. Sua aparência era a de uma mulata clara, ou da cor de marfim amarelo. Seus olhos eram magníficos, mas

were showed in "ethnographic" exhibitions.

³⁴ In the second Volume of his *The principles of sociology*, published in 1883 Herbert Spencer presented a variety of skin "mutilations" among numerous peoples. The most accurate late XIXth Century study on these practice was published by A.W. Buckland: 'On Tattooing', *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain*, Vol. 17. Buckland's study was presented at the General Annual meeting of the AIGB, and – as Semper will do- the author postulated the idea of a relation between tattooing and clothing: 'Falling under the head of ornament, it seems probable that this painful mode of personal adornment was adopted at a very early period of human history, and was at one time almost universal, falling into desuetude with the advance of civilization when clothing became general, and ornaments were chosen which would not entail pain, and could be varied according to the caprice of the wearer. But even to the present day tattooing forms the dress of the great mass of the unclothed natives in various parts of the world, whilst in some places it is more than a personal ornament, forming a ceremonial rite accompanying initiation to manhood'. As can be seen, the ideas about ornament and tattooing that were considered by anthropologist were very different than those considered by Loos.

The pop-cultural tradition of exhibiting human oddities, curiosities, abnormalities-what would come to be called freaks-reconfigured in the age of imperialism into a spectacle of race, racial difference, racial grotesque. An ostensibly scientific spectacle. The English explorer Herbert Ward, who spent years along the Congo river, describes cicatrization, or ritual scarring, with a metaphor from astronomy: the countless tiny scars were like constellations, a "map of the midnight sky." In his book *Five Years with the Congo Cannibals* (1891), he describes a woman's body: "Indeed, I have seen one stout Lolo lady who sported an entire solar system upon her back, and might have told off all the stars in the Milky Way, with an equal number of excrescences upon her stately bust, and, even then, have a few handfuls to spare scattered down her legs, to pit against the nebulae forming the limbs of Andromeda." "At this settlement I saw the first specimen of the tribe of dwarfs who were said to be thickly scattered north of the Ituri, from the Ngaiyu eastward. She measured thirty-three inches in height, and was a perfectly formed woman of about seventeen, of a glistening and smooth sleekness of body. Her figure was that of a miniature coloured lady, not wanting in a certain grace, and her face was very prepossessing. Her complexion was that of a quadron, or of the color of yellow ivory. Her eyes were magnificent, but absurdly large for such a small creature-almost as large as that of a young gazelle; full, protruding, and extremely lustrous. Absolutely nude, the little demoiselle was quite possessed, as though she was accustomed to be admired, and really enjoyed inspection. She had been discovered near the sources of the Ngaiyu." Henry Morton Stanley, *In Darkest Africa* (1890). John Short, *Imperialism in Popular Culture and Everyday Life in Germany*. In: http://www.cooper.edu/humanities/core/hss3/LEC_new_imperialism.html

³⁵ Permanent or special exhibitions of non-European people were a normal event in Europe during the last decades of the Nineteenth-Century. In German speaking countries these spectacle was known as *Völkerschau*, and according to Bruckner occupied "a site between entertainment and Science". Sierra Bruckner, 'Spectacles of (Human) Nature: commercial ethnography between Leisure, learning and Schaulust'. In Matti Bunzl and Glenn Penny, Editors, *Wordly provincialism: German anthropology in the age of empire*, Michigan, 2003.

absurdamente grandes para uma criatura tão pequena – quase do tamanho dos de uma jovem gazela; cheios, protuberantes, e extremamente brilhantes. Absolutamente nua, a pequena senhorita era bem cheia de si, como se estivesse acostumada a ser admirada, e realmente gostou de ser inspecionada. Ela havia sido descoberta perto da nascente do Ngaiyu. Henry Morton Stanley, In *Darkest Africa* (1890). John Short, *Imperialism in Popular Culture and Everyday Life in Germany*. In: http://www.cooper.edu/humanities/core/hss3/LEC_new_imperialism.html

³⁵ Exposições especiais ou permanentes sobre os povos não-europeus eram um evento normal na Europa durante as últimas décadas do século dezanove. Nos países de língua alemã esses espetáculos eram conhecidos como *Völkerschau* e, segundo Bruckner, ocupavam “um lugar entre a diversão e a ciência”. Sierra Bruckner, ‘Spectacles of (Human) Nature: commercial ethnography between Leisure, learning and Schaulust’. In Matti Bunzl and Glenn Penny, Editors, *Wordly provincialism: German anthropology in the age of empire*, Michigan, 2003.

³⁶ Ver, por exemplo, o artigo apresentado por Custos Franz Heger à *Anthropologischen Gesellschaft em Viena* (9.5.1893), *Aderlassgeräte bei Indianern und Papuas*, *Mittheilungen*, N°3, May-December, 1893. O Museu de História Natural de Viena possuía uma importante coleção de materiais provenientes da região do Pacífico Sul. Um relatório com ilustrações de tatuagens do Arquipélago Bismarck foi publicado em Otto Finsch, *Ethnologische Erfahrungen und Belegstücke aus der Südsee*. *Beschreibender Katalog.*, Vienna, 1893.

³⁷ “Um zulu portando uma cartola: pode ele afirmar que está vestido de acordo com os princípios da civilização ocidental?”, escreve em *Das Andere*, 1903. A imagem de Loos soa ridícula pela coexistência de duas diferentes maneiras de vestir. Mas o que aconteceria se o zulu se vestisse “de acordo com os princípios da civilização ocidental”? De fato, tratava-se de africanos que causaram escândalo porque vestiram-se dessa maneira na Europa Central. Andrew Zimmerman faz referência às muitas ocasiões em que performers africanos que participavam de exposições “etnográficas” resistiam a ser fotografados “como africanos” e preferiam ser retratados vestindo roupas ocidentais. Este foi o caso emblemático de Bismarck Bell durante a exposição *Deutschland und seine Kolonien im Jahre 1896*, em Berlim. Ver Andrew Zimmerman, op. cit.

³⁸ Por exemplo, nas seguintes apreciações em “Ornament and Crime”: “O impulso para decorar o próprio rosto e qualquer coisa ao alcance é a origem das belas-artes. É o balbucio infantil da pintura”, “o embrião do ornamento”. “A humanidade havia atingido o ponto em que o ornamento não era mais uma fonte de prazer, em que uma face tatuada, em vez de aumentar o prazer estético das pessoas como faz com os papuas, diminuía o prazer”, “o ornamento (é) um sintoma da superfluidade das eras passadas”.

³⁹ Ele continua: “e um filósofo inglês chega a afirmar que as roupas foram inicialmente feitas para ornamentar, não para esquentar. (...) Como entre os selvagens as mesmas modas duram longos períodos, as mutilações, seja qual tenha sido sua causa inicial, logo passaram a ser valorizadas como marcas de distinção”. Charles Darwin, *The Descent of Man*, 1871, London (ed. 1981, Princeton, New Jersey).

⁴⁰ Tylor continua: “O invasor branco ou o colonizador, embora representando no todo um padrão moral mais elevado do que o do selvagem que ele melhora ou destrói, freqüentemente representa muito mal este padrão, e no máximo pode grosseiramente alegar substituir uma vida mais forte, nobre e pura em todos os sentidos,

³⁷ See for instance the paper presented by Custos Franz Heger at the *Anthropologischen Gesellschaft in Wien* (9.5.1893) *Aderlassgeräte bei Indianern und Papuas*, *Mittheilungen*, N°3, May-December, 1893. The Viennese Museum of Natural History owned an important collection of materials from the South Pacific region. A report with illustrations of tattoos from the Bismarck Archipelago was published in Otto Finsch, *Ethnologische Erfahrungen und Belegstücke aus der Südsee*. *Beschreibender Katalog.*, Vienna, 1893.

³⁷ ‘A Zulu wearing a top hat: could he affirm that he is dressed according to the principles of Western civilization?’ he writes in *Das Andere*, 1903. Loos image sounds ridicule because the coexistence of two different ways of dressing. But what happened if the Zulu would have being dressed “according to the principles of Western Civilization”? And in fact they were Africans that caused scandal because wearing this way in central Europe. Andrew Zimmerman refers to the many occasions when Africans performers in German “ethnographic” exhibitions resisted to be photographed “as Africans” and preferred to be registered dressed with western clothes. This was the emblematic case of Bismarck Bell during the exhibition “*Deutschland und seine Kolonien im Jahre 1896*” in Berlin. See. Andrew Zimmerman, op.cit.

³⁸ For instance in the following appreciations in “Ornament and Crime”: “The urge to decorate one’s face and anything else within reach is the origin of the fine arts. It is the childish babble of painting.”, “the yoke of ornament”, “Mankind had reached the point where ornament was no longer a source of pleasure, where a tattooed face, instead of increasing people’s aesthetic pleasure as it does for the Papuans, diminished pleasure”, “ornament (is) a symptom of the superfluity of previous ages”.

³⁹ And he continues: “and an English philosopher goes so far as to maintain that clothes were first made for ornament and not for warmth. (...) As with savages the same fashions prevail for long periods, mutilations, from whatever cause first made, soon come to be valued as distinctive marks”, Charles Darwin, *The Descent of Man*, 1871, London (ed. 1981, Princeton, New Jersey).

⁴⁰ Tylor continues: “The white invader or colonist, though representing on the whole a higher moral standard than the savage he improves or destroys, often represents his standard very ill, and at best can hardly claim to substitute a life stronger, nobler, and purer at every point than that which he supersedes (...)”

⁴¹ “Die Kurzformel seines Kampfes hat L. Gegeben indem er selbstbewusst feststellt: ‘Ich habe folgende erkenntniss gefunden und der welt geschenkt: evolutionh der kultur ist gleichbedeutend mit dem entfernen des ornamentes aus dem gebrauchsgegenstande’. Schon Semper berührt im Kapitel ‘Die eigene Haut., die naturwünschigste Decke’ die Frage der Ornamentierung. ‘(...) Die so merkwürdige kulturhistorische Erscheinung des Bemalens und Tettowirens der Haut ist auch in stilgeschichtlicher Beziehung von grossem Interesse. Wir wissen nich recht, ob die gemalten un eingätzten Striche und Schnörkel, womit die ganz oder zum Theil nackt gehenden Völker fast durchgängig ihre Haut zu verzieren pflegen (...) Das Ursprünglichste in der Verzierungskunst sei (...). Sollte man berechtigt sein, daraus zu schliessen, dass die Auffassung des Ornamentes die ursprünglichste sei oder ist sie vilmehyr als ein Zeichen eines sekundären Kulturstandes derjenigen Völker anzusehen, bei welchen sie hervortritt?’ Friedrich Kurrent, Gottfried Semper, Otto Wagner, Adolf Loos. *Adolf Loos 1870-1933. Raumplan Wohnungs-bau*, Akademie der Kunste, Berlin, 1983.

⁴² See : Alessandro Serra, *Il tatuaggio. Storia e interpretazione di un*

do que aquela que ele sucede (...)."

⁴¹ "Die Kurzformel seines Kampfes hat L. Gegeben indem er selbstbewusst feststellt: 'Ich habe folgende erkenntniss gefunden und der welt geschenkt: evolutionh der kultur ist gleichbedeutend mit dem entfernen des ornamentes aus dem gebrauchsggegenstande'. Schon Semper berührt im Kapitel 'Die eigene Haut., die naturwünschsigste Decke' die Frage der Ornamentierung. '(...) Die so merkwürdige kulturhistorische Erscheinung des Bemalens und Tettowirens der Haut ist auch in stilgeschichtlicher Beziehung von grossem Interesse. Wir wissen nich recht, ob die gemalten u eingezätzten Striche und Schnörkel, womit die ganz oder zum Theil nackt gehenden Völker fast durchgängig ihre Haut zu verzieren pflegen (...) Das Ursprünglichste in der Verzierungskunst sei (...). Sollte man berechtigt sein, daraus zu schliessen, dass die Auffassung des Ornamentes die ursprünglichste sei oder ist sie vielmehr als ein Zeichen eines sekundären Kulturstandes derjenigen Völker anzusehen, bei welchen sie hervortritt?' Friedrich Kurrent, Gottfried Semper, Otto Wagner, Adolf Loos. Adolf Loos 1870-1933. Raumplan Wohnungs-bau, Akademie der Künste, Berlin, 1983.

⁴² Ver : Alessandro Serra, Il tatuaggio. Storia e interpretazione di un linguaggio del corpo, Bologna, 1994.

⁴³ Daniel Pick, Faces of Degeneration. An European disorder, c.1848-1918., Cambridge-New York, 1989.

⁴⁴ O primeiro tratado importante sobre a "degeneração" foi o de Bénédit Augustin Morel, *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine*, Paris, 1857, mas importantes considerações em francês também vêm de Taine, Zola e, mais evidentemente, de Arthur de Gobineau. Gobineau dedicou à degeneração o quarto capítulo (*De ce qu'on doit entendre par le mot dégénération, du mélange des principes ethniques, et comment les sociétés se forment et se défont*) do primeiro livro do seu *Essai sur l'inegalité des races humaines*, 1853. A coincidência das datas pode ser explicada: "A teoria da *dégénérescence* (...) deve ser compreendida como uma produção ideológica, um processo complexo de conceituação de um sentimento de crise da história. Ela emerge justamente no momento quando o progressismo liberal se encontrava tão poderosamente abalado. Depois de 1848 e da fundação do Segundo Império, havia um profundo sentimento de confusão sobre a radical contradição entre as crenças daquele período." Daniel Pick, *Faces of Degeneration. A European disorder, c.1848-1918.*, Cambridge-New York, 1989. In German language we can quote: Hirsch, *Genie und Entartung*, 1894; Arndt, *Biologische Studien. II. Artung und Entartung*, 1895; Möbius, *Ueber Entartung*, 1900 and *Geschlecht und entartung.*; 1907, Brumke, *Ueber nervose Entartung*, 1912; Reich, Eduard, *Ueber die Entartung der Menschen : ihre Ursachen und Verhütung*, 1868; Wolf, Max. *Die physische und sittliche Entartung des modernen Weibes*. 1892; Krafft-Ebing, R. Von, (Richard), *Psychische Entartung. Mord- und Selbstmordversuch.*, 892; Lombroso, Cesare, *Entartung und genie*, 1894; Gruber, Max von, *Führt die Hygiene zur Entartung der Rasse?*, 1903.

⁴⁵ Fazendo referência às mulheres burguesas "degeneradas", Nordau escreve: "A maioria, ansiosa para manter despercebida sua mediocridade sem imaginação, parece ter adotada como principal estilo um elaborado rococo, com linhas confusamente oblíquas, incompreensíveis ondulações, erupções, expansões e contrações, dobraduras com começo irracional e uma terminação sem objetivo, nas quais se perdem todos os contornos da figura humana, fazendo com que os corpos femininos pareçam ora uma besta do Apocalipse, ora uma cadeira de braço, ora um tríptico

linguaggio del corpo, Bologna, 1994.

⁴³ Daniel Pick, *Faces of Degeneration. A European disorder, c.1848-1918.*, Cambridge-New York, 1989.

⁴⁴ The first important treatise on "degeneration" was that of Bénédit Augustin Morel, *Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine*, Paris, 1857, but important considerations in French came also from Taine, Zola, and more evidently from Arthur de Gobineau. Gobineau dedicated to degeneration the fourth chapter (*De ce qu'on doit entendre par le mot dégénération, du mélange des principes ethniques, et comment les sociétés se forment et se défont*) of the first book in his *Essai sur l'inegalité des races humaines*, 1853. The coincidence in dates can be explained: The theory of *dégénérescence* (...) needs to be understood as an ideological production, a complex process of conceptualizing a felt crisis of history. It emerged at just the moment when liberal progressivism was so powerfully in trouble. After 1848 and the foundation of the Second Empire, there was a deep sense of confusion about the patterns of historical change and repetition. *Dégénérescence* exemplified the radical contradiction of faiths in that period." Daniel Pick, *Faces of Degeneration. A European disorder, c.1848-1918.*, Cambridge-New York, 1989. In German language we can quote: Hirsch, *Genie und Entartung*, 1894; Arndt, *Biologische Studien. II. Artung und Entartung*, 1895; Möbius, *Ueber Entartung*, 1900 and *Geschlecht und entartung.*; 1907, Brumke, *Ueber nervose Entartung*, 1912; Reich, Eduard, *Ueber die Entartung der Menschen : ihre Ursachen und Verhütung*, 1868; Wolf, Max. *Die physische und sittliche Entartung des modernen Weibes*. 1892; Krafft-Ebing, R. Von, (Richard), *Psychische Entartung. Mord- und Selbstmordversuch.*, 892; Lombroso, Cesare, *Entartung und genie*, 1894; Gruber, Max von, *Führt die Hygiene zur Entartung der Rasse?*, 1903.

⁴⁵ Referring to the "degenerate" bourgeois women Nordau writes: The majority, anxious to be inconspicuous in unimaginative mediocrity seems to have for its leading style a laboured rococo, with bewildering oblique lines, incomprehensible swellings, puffings, expansions and contractions, folds with irrational beginning, and aimless ending, in which all the outlines of the human figure are lost, and which cause women's bodies to resemble now a beast of the Apocalypse, now an armchair, now a triptych or some other ornament". (Cfr. with Loos's *Damenmode* *Neue Freie Presse*, 21.8.1898). With regard to the "degenerate" bourgeois houses for Nordau "Everything in these houses aims at exciting the nerves and dazzling the senses. The disconnected and antithetical affects in all arrangements, the constant contradiction between form and purpose, the outlandishness of most objects is intended to be bewildering. There must be no sentiment of repose, such as is felt at any composition, the plan of which is easily taken in, nor of the comfort attending a prompt comprehension of all the details of one's environment". Max Nordau, *Degeneration*, New York, 1895.

⁴⁶ Tylor, *Op.Cit.*

⁴⁷ The relation between Loos's ideas and Lombroso was suggested by Jules Lubbock in "Adolf Loos and the English Dandy", "The Architectural Review", Nº 1038, August, 1983. Lombroso's most influential book was "L'uomo delinquente", Turin, 1876. On Lombroso's theories see: Neil Davie, *op.cit*; Mary Gibson, "Born to crime : Cesare Lombroso and the origins of biological criminology", Westport, Conn. US, 2002. Lombroso's ideas about criminals as degenerate received an ample diffusion through later nineteenth-century literature (Stokler, Kipling, Conrad, Conan Doyle etc.). See: Rebecca Fleming, *Scanty goatees and palmar tattoos: Cesare Lombroso's influence on science*

ou algum outro ornamento". (Cf. Loos, *Damenmode Neue Freie Presse*, 21.8.1898). No que diz respeito às casas burguesas "degeneradas", para Nordau "Tudo nessas casas busca excitar os nervos e confundir os sentidos. Os efeitos desconexos e antitéticos de todos os arranjos, a constante contradição entre forma e propósito, a estranheza da maioria dos objetos, têm a intenção de confundir. Não deve haver nenhum sentimento de repouso, tal como se sente em qualquer composição, cujo plano é facilmente retido, nem o conforto obtido na pronta compreensão de todos os detalhes do ambiente". Max Nordau, *Degeneration*, New York, 1895.

⁴⁶ Tylor, op. cit.

⁴⁷ A relação entre as idéias de Loos e Lombroso foram sugeridas por Jules Lubbock em "Adolf Loos and the English Dandy", "The Architectural Review", N° 1038, August, 1983. O livro mais influente de Lombroso foi "L'uomo delinquente", Turin, 1876. Sobre as teorias de Lombroso, ver Neil Davie, op.cit; Mary Gibson, "Born to crime : Cesare Lombroso and the origins of biological criminology", Westport, Conn. US, 2002. A concepção de Lombroso dos criminosos como degenerados recebeu ampla difusão na literatura do final do século dezenove (Stokler, Kipling, Conrad, Conan Doyle etc.). Ver Rebecca Fleming, *Scanty goatees and palmar tattoos: Cesare Lombroso's influence on science and popular opinion in The Concord Review*, Vol.10 N°1, 1990-2000.

⁴⁸ Adolf Loos, *Die Plumber*, Neue Freie Presse, 17.7.98.

⁴⁹ Naturalmente, esta não era uma invenção de Loos ou dos alemães. Segundo Debby Banham (*Anglo-Saxon attitudes: In search of the origins of English racism; in European Review of History*, Autumn 94, vol.1. issue 2) "Este propósito de estabelecer uma continuidade entre os ingleses modernos e os anglo-saxões tem muito a ver com duas correntes ideológicas que se desenvolveram no século dezenove. A primeira era a da superioridade das pessoas de pele branca sobre as demais, como demonstraria o seu controle político e comercial sobre a maior parte do planeta, e a outra era a da superioridade da 'raça' germânica sobre as outras pessoas de pele branca. Esta ideologia germanista via uma identidade inerente a todos os falantes de línguas germânicas. Havia uma conexão entre a correção do Império Britânico e o suposto sangue puro teutônico dos ingleses. William Stubbs escreveu em 1870: 'Essa nova raça era o principal tesouro de nossos ancestrais: o compartilhamento do orgulho germânico primevo na pureza de sua extração.'" Thomas Arnold, pai do antropólogo Matthew Arnold, sustentou (Oxford 1841) "que a cultura inglesa era a síntese das culturas Romana, Grega e Hebréia, mas que além disso sua grandeza derivava do 'elemento de nossa raça inglesa. E esse elemento é importante e dele não podemos duvidar nem por um instante. Nossa raça inglesa é a raça germânica (...). Este elemento ainda conserva sua força, e se faz sentir, para o bem e para o mal, em quase todos os países do mundo. (...) Eu nada afirmo sobre as perspectivas e influência da raça germânica na África e na Índia – basta dizer que metade da Europa, e toda a América e a Austrália são germânicas mais ou menos completamente, em raça, linguagem, em instituições, ou em tudo." Robert Young, *Colonial desire. Hybridity in Theory, Culture and Race*, London-New York, 1995. Sobre a relação entre o anglo-saxonismo do século dezenove e a cultura alemã, ver: Reginald Horsman, *Origins of Racial Anglo-Saxonism in Great Britain before 1850*, in *Journal of the History of Ideas*, Vol.37, N°3, July-September, 1976.

⁵⁰ Ver: Eduard Sekler "Adolf Loos, Josef Hoffmann und die Vereinigten Staaten" in *Katalogbuch zur Ausstellung ADOLF*

and popular opinion, in *The Concord Review*, Vol.10 N°1, 1990-2000.

⁴⁸ Adolf Loos, *Die Plumber*, Neue Freie Presse, 17.7.98.

⁴⁹ Of course this was neither a Loos nor a German invention. According to Debby Banham (*Anglo-Saxon attitudes: In search of the origins of English racism; in European Review of History*, Autumn 94, vol.1. issue 2) "This concern to establish continuity between the modern English and the Anglo-Saxons has a good deal to do with two strands of ideology that developed in the nineteenth century. The first was the superiority of white-skinned people over all other people, as demonstrated by their political and commercial control over most of the earth, and the other was the superiority of the German 'race' over other white-skinned people. This Germanist ideology saw an inherent identity between all speakers of Germanic languages. There was a connection between the rightness of the British Empire and the supposedly pure Teutonic blood of the English. William Stubbs wrote in 1870: 'This new race was the main stock of our forefathers: sharing the primaevael Germanic pride of purity of extraction'". Thomas Arnold the father of anthropologist Matthew Arnold sustained (Oxford 1841) "that English culture was the synthesis of Roman, Greek and Hebrew culture but moreover its greatness derived from 'the element of our English race. And that this element is an important one cannot be doubted for an instant. Our English race is the German race (...). (T)hat element still preserves its force, and is felt for good or for evil in almost every country of the world. (...) I say nothing of the prospects and influence of the German race in Africa and in India – it is enough to say that half of Europe, and all America and Australia, are German more or less completely, in race, in language, or in institutions, or in all". Robert Young, *Colonial desire. Hybridity in Theory, Culture and Race*, London-New York, 1995. On the relation between nineteenth century Anglo-Saxonism and German culture see: Reginald Horsman, *Origins of Racial Anglo-Saxonism in Great Britain before 1850*, in *Journal of the History of Ideas*, Vol.37, N°3, July-September, 1976.

⁵⁰ See: Eduard Sekler "Adolf Loos, Josef Hoffmann und die Vereinigten Staaten" in *Katalogbuch zur Ausstellung ADOLF LOOS*, Vienna, 1990.

⁵¹ In *Der Schuhmacher*, Neue Freie Presse, 14.8.98.

⁵² George H. Knoles ("My American Impressions": English Criticism of American Civilization since 1919", in *American Quarterly*, vol.5, N°2, Summer 1953), for instance, remember that 'prior to 1919, with the possible exception of James Bryce, British critics, however sympathetic their attitudes toward the United States, displayed considerable condescension in their treatment of American life'. In his study of Austrian "americanization" Günter Bischof remembers that condescension was also the attitude of the Hausburg Crown Prince Francis Ferdinand, who went on a trip around the world in 1892 (a year before of Loos's American journey) and visited the US in 1893. Günter Bischof, *Two Sides of the Coin: The Americanization of Austria and Austrian Anti-Americanism*, in: Alexander Stephan, ed., *American Culture in Europe : Americanization and Anti-Americanism since 1945*, New York, 2004.

⁵³ Dana Phillips, *Nineteenth-Century Racial Thought and Whitman's 'Democratic Ethnology of the Future'*, in *Nineteenth-Century Literature*, Vol. 49, N°3, December, 1994.

⁵⁴ Tylor gives the following definition of "survivals": 'These are processes, customs, opinions, and so fort, which have been carried on by force of habit into a new state of society different from that in which they had their original home, and thus remain as proofs and examples of an older condition of culture our of which a newer has

LOOS, Vienna, 1990.

⁵¹ In *Der Schuhmacher*, Neue Freie Presse, 14.8.98.

⁵² George H. Knoles ("My American Impressions": English Criticism of American Civilization since 1919", in *American Quarterly*, vol.5, N°2, Summer 1953), por exemplo, recorda que "antes de 1919, com a possível exceção de James Bryce, os críticos britânicos, por simpáticas que fossem suas atitudes em relação aos Estados Unidos, demonstravam considerável condescendência ao tratar da vida americana". Em seu estudo sobre a "americanização" da Áustria, Günter Bischof lembra que condescendente também era a atitude do Príncipe Real Habsburgo Francisco Ferdinando, que viajou ao redor do mundo em 1892 (um ano antes da viagem de Loos) e visitou os EUA em 1893. Günter Bischof, *Two Sides of the Coin: The Americanization of Austria and Austrian Anti-Americanism*, in: Alexander Stephan, ed., *American Culture in Europe: Americanization and Anti-Americanism since 1945*, New York, 2004.

⁵³ Dana Phillips, *Nineteenth-Century Racial Thought and Whitman's 'Democratic Ethnology of the Future'*, in *Nineteenth-Century Literature*, Vol. 49, N°3, December, 1994.

⁵⁴ Tylor dá a seguinte definição de "sobrevivência": "Estes são processos, costumes, opiniões, e assim por diante, os quais foram perpetuados por força do hábito em um novo estado de sociedade diferente daquele no qual se originaram, permanecendo, assim, provas e exemplos de uma antiga condição de nossa cultura, da qual evoluiu uma nova." Em um parágrafo subsequente ele até mesmo aplica o conceito à arquitetura: "Olhando em torno das habitações onde vivemos, podemos especular aqui sobre até onde quem apenas conhece seu próprio tempo pode ser capaz de compreender até mesmo isso. Aqui está a madressilva da Assíria, ali a flor-de-lis de Anjou, uma cornija com uma bordadura grega margeia o teto, o estilo Luís XIV, e seu parente da Renascença, compartilham entre eles um espelho. Transformados, distorcidos ou mutilados, tais elementos de arte ainda carregam sua história claramente estampada sobre eles." In Edward B. Tylor, *Primitive Culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom.*, London 1871. Para uma discussão específica do conceito, ver: Hugh J. Dawson, E.B. Tylor's theory of survivals and Veblen's social criticism, in *Journal of the History of Ideas*, Vol.54, N°3 July, 1993.

⁵⁵ Os debates foram conduzidos através de cartas ao editor de *Science*, envolvendo Otis T. Mason, presidente da Sociedade Antropológica de Washington, e John Wesley Powell, diretor do Gabinete de Etnologia Americana." Lee D. Baker, Columbia University's Franz Boas: he led the undoing of scientific racism; in *The Journal of Blacks in Higher Education*, N°22, winter 1988-1999 "(...) Em 1894 Boas pronunciou sua primeira conferência pública, na qual ele destacou o racismo do discurso antropológico dominante." Sobre as idéias de Boas na passagem do século, ver: Douglas Cole, Franz Boas: the early years, 1858-1906, Vancouver, c.1999. Além disso, desde "The origins of the species", "as barreiras dividindo a 'alta' e a 'baixa' natureza estavam sendo ameaçadas. Em 1866 o anatomista Schaaflhausen declarou que 'o muro divisório entre o mundo primitivo e o mundo atual, entre homem e animal, ruiu', e os mesmos temores assumiram forma literária séria e apavorante em *Heart of Darkness* (1902), de Joseph Conrad." Jill Lloyd, Op.Cit.

⁵⁶ Até mesmo em Viena as concepções racistas eram confrontadas pelos antropólogos difusionistas anteriormente citados. Segundo Bunzl e Penny, "(...) um comprometimento ideológico consciente com o pluralismo evitou que o establishment antropológico austríaco seguisse a tendência geral. Por suas convicções católicas,

been evolved". And in a following paragraph he even applies the concept to architecture: Looking round the rooms we live in, we may try here how far he who only knows his own time can be capable of rightly comprehending even that. Here is the honeysuckle of Assyria, there the fleur-de-lis of Anjou, a cornice with a Greek border runs round the ceiling, the style of Louis XIV, and its parent the Renaissance share the looking glass between them. Transformed, shifted or mutilated, such elements of art still carry their history plainly stamped upon them". In Edward B. Tylor, *Primitive Culture: Researches into the development of mythology, philosophy, religion, art, and custom*, London 1871. For a specific discussion of the concept see: Hugh J. Dawson, E.B. Tylor's theory of survivals and Veblen's social criticism, in *Journal of the History of Ideas*, Vol.54, N°3 July, 1993.

⁵⁵ The debates were conducted through letters to the editor of *Science*, involving Otis T. Mason, president of the Anthropological Society of Washington, and John Wesley Powell, director of the Bureau of American Ethnology. Lee D. Baker, Columbia University's Franz Boas: he led the undoing of scientific racism; in *The Journal of Blacks in Higher Education*, N°22, winter 1988-1999 "(...) In 1894 Boas delivered his first public address in which he outlined the racism of the dominant anthropological discourse. On Boas ideas at the turn of the century see: Douglas Cole, Franz Boas: the early years, 1858-1906, Vancouver, c.1999. Moreover, since "The origins of the species" "the dividing barriers between 'higher' and 'lower' nature were under threat. In 1866 the anatomist Schaaflhausen had declared that 'the wall of separation between the early world and the present world, between man and the animal, has crumbled', and the same fears were given serious and chilling literary form in Joseph Conrad's *Heart of Darkness* (1902)" Jill Lloyd, Op.Cit.

⁵⁶ Even in Vienna the racist conceptions were confronted by the diffusionist anthropologists quoted before. According to Bunzl and Penny, (...) a conscious, ideological commitment to pluralism prevented Austria's anthropological establishment from following suit. Because of his Catholic convictions, Wilhelm Schmidt's turn toward diffusionism did not bring him closer to colonialist ideals of hierarchies of race (...). Quite the contrary, institutional and religious contexts in Austria provided him with an alternative space for his decision making, and his strong personal beliefs encouraged him to eschew colonialist efforts and race theories right up through World War II. In Matti Bunzl and Glenn Penny, Editors, Introduction: Rethinking German Anthropology, Colonialism and Race, in idem *Wordly provincialism: German anthropology in the age of empire*, Michigan, 2003.

⁵⁷ *The Journey of Lukanga Mukara into the innermost of Germany;* Hans Paasche, 1912 (Vortrupp) Berlin. The rejection of western clothes in the form of nudism was a topic of sectors of the avant-gardes. In the context of Loos's writings Paul Scheerbart published an article on this theme in his usual parodist style: "Nackte Kultur. Schwarzer Spass" (*Der Sturm*, 21.7.1910. Loos will publish his "Damenmode" in the following issue). In this article Scheerbart writes about a supposed group of European travelers trying to convince a group of Africans: "Werdet wieder nackt, wie ihr einstmals wartet - und Ihr werdet plötzlich an der Spitze der nackten Kultur- der 'natürlichen' Kultur- die dem Menschen gestattet, frei zu leben, frei von allem Plunder. Es lebe hoch der nackte Mensch mit der splitternackten Kultur! Hört Ihr schon was näher kommen? Hört Ihr noch nicht? Es sind die Maler und Bildhauer, die da kommen! Sie eilen aus allen Erdteilen herbei und wollen sich das echte und wahre Kulturideal erblicken. Das Fleisch ist der grosse Trumpf der Natur."

a aproximação de Wilhelm Schmidt ao difusionismo não o trouxe para perto dos ideais colonialistas da hierarquia das raças (...). Muito pelo contrário, os contextos institucionais e religiosos da Áustria lhe asseguraram um espaço alternativo para sua tomada de decisão, e suas fortes convicções pessoais o encorajaram a manter-se longe de tentativas colonialistas e das teorias raciais até durante a Segunda Guerra Mundial.” In Matti Bunzl and Glenn Penny, Editors, Introduction: Rethinking German Anthropology, Colonialism and Race, in idem *Worldly provincialism: German anthropology in the age of empire*, Michigan, 2003.

⁵⁷ *The Journey of Lukanga Mukara into the innermost of Germany.*; Hans Paasche, 1912 (Vortrupp) Berlin. A rejeição das roupas ocidentais, sob a forma de nudismo, era um dos tópicos tratados pelas vanguardas. No contexto dos escritos de Loos, Paul Scheerbart publicou um artigo sobre esse tema no seu estilo usual de paródia: “Nackte Kultur. Schwarzer Spass” (*Der Sturm*, 21.7.1910. Loos publicará seu “Damenmode” no número seguinte). Em seu artigo, Scheerbart escreve sobre um suposto grupo de viajantes europeus que tenta convencer um grupo de africanos: ‘Werdet wieder nackt, wie ihr einstmals wartet - und Ihr werdet plötzlich an der Spitze der nackten Kultur- der ‘natürlichen’ Kultur- die dem Menschen gestattet, frei zu leben, frei von allem Plunder. Es lebe hoch der nackte Mensch mit der splitter nackten Kultur! Hört Ihr schon was näher kommen? Hört Ihr noch nicht? Es sind die Maler und Bildhauer, die da kommen! Sie eilen aus allen Erdteilen herbei und wollen sich das echte und wahre Kulturideal erblicken. Das Fleisch ist der grosse Trumpf der Natur.’